

NINOTCHKA / 1939

(*Ninotchka*)

um filme de Ernst Lubitsch

Realização: Ernst Lubitsch / **Argumento:** Charles Brackett, Billy Wilder e Walter Reisch, baseado numa história original de Melchior Lengyel / **Direcção de Fotografia:** William Daniels / **Direcção Artística e Decoração:** Cedric Gibbons / **Guarda-Roupa:** Gilbert A. Adrian / **Música:** Werner R. Heymann / **Montagem:** Gene Ruggiero / **Interpretação:** Greta Garbo (Ninotchka), Melvyn Douglas (Conde Léon d'Algout), Ina Claire (a Grã-Duquesa Swana), Bela Lugosi (o Comissário Razinin), Sig Rumann (Iranoff), Felix Bressart (Buljanoff), Alexander Granach (Kopalski), Gregory Gaye (Rakonin), Rolfe Sedan (gerente do hotel), Edwin Maxwell (Mercier), Richard Carle (Gaston), Wolfgang Zilzer (motorista de taxi), Dorothy Adams (Jacqueline), Jenifer Gray, Peggy Moran, Kay Stewart (vendedoras de cigarros).

Produção: Ernst Lubitsch para Metro-Goldwyn-Mayer / **Produtor associado:** Sidney Franklin / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português, 110 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 3 de Novembro de 1939 / **Estreia em Portugal:** Cinema S. Luiz, 5 de Novembro de 1940.

Aviso: No quinto rolo desta cópia nota-se uma barra cinzenta na vertical, do lado direito. Por essa deficiência, os nossos pedidos de desculpa.

"*Garbo Laughs*" foi a frase mais insistentemente usada pela publicidade para lançamento desta célebre película, que marca o único encontro de dois dos mais famosos nomes de Hollywood nos anos 30: Ernst Lubitsch e Greta Garbo.

Até **Ninotchka**, a "divina" tinha feito sempre papéis sérios ou trágicos e nunca participara em qualquer comédia. Daí a curiosidade com que foi aguardada esta nova faceta e aquele que seria o penúltimo filme de Garbo. Ela voltaria a rir (pelo menos tão bem como na obra que vamos ver) no seu último filme, igualmente uma comédia: **Two-Faced Woman**, realizado por George Cukor em 1941.

Aliás, Cukor, que já dirigira Greta Garbo em 1936 no magnífico **Camille**, foi o realizador inicialmente designado para dirigir **Ninotchka**, quando, depois de enorme pega com David O. Selznick, este lhe retirou **Gone With the Wind**. Lubitsch ia então começar a realização de **The Women**. À última hora, Mayer trocou-os. Lubitsch ficou com **Ninotchka**, Cukor com **The Women**.

Há muitos anos que Lubitsch queria dirigir a Garbo e dizia a quem o quisesse ouvir: "*How wonderful Greta and I would be together. What a wonderful picture we could make together*". Finalmente, a ocasião surgiu neste filme a que Mayer torceu muito o nariz. Não só achava que Greta Garbo nunca seria convincente numa comédia, como, apesar do seu visceral anti-comunismo, receou as reacções de muitos críticos e intelectuais influentes que há 69 anos pensavam e escreviam sobre a URSS exactamente o contrário do que os bisnetos deles pensam e escrevem hoje. Greta Garbo também teve medo. Foi o próprio Lubitsch quem declarou que foi difícil convencê-la e que, na célebre cena da gargalhada, a actriz estava em pânico. Pediu ao realizador que mudasse. Lubitsch ter-lhe-ia respondido: "*I'll do anything you want. I'll change the script, the dialogue, anything, but this can't be changed. Too much depends on it*". E dependeu.

Noventa por cento da publicidade e noventa por cento do êxito do filme vieram dessa cena. Mas deve dizer-se que o êxito, inicialmente, não foi muito grande, apesar de três designações para o

Oscar (melhor filme, melhor atriz, melhor história original). Mas ainda não foi dessa vez – não foi nunca, aliás – que Garbo obteve a estatueta. Vivien Leigh bateu-a, no **Gone**, como “toda a gente” sabe.

Se comecei por falar de Garbo é porque, ainda hoje, é o seu mito o mais poderoso pólo de atracção para esta obra. Mas falar de **Ninotchka** é sobretudo falar de Lubitsch, numa das suas mais portentosas realizações. Certamente, **Ninotchka** não é o melhor Lubitsch, mas nele estão integralmente presentes as suas decantada e depurada arte e o famigerado *Lubitsch touch*.

Antes de chamar a atenção para alguns dos mais belos exemplos do seu estilo neste filme, digamos algo sobre o seu argumento e a sátira anti-URSS, que tanta tinta fez correr e tantos engulhos causou. Estava-se em 1939 e Estaline acabava de assinar com Hitler o famoso pacto de não agressão que caiu como uma bomba nos meios ocidentais. Embora a América guardasse ainda algumas distâncias em relação ao conflito europeu, a política de Roosevelt tinha uma orientação marcada (a favor das democracias ocidentais) e o pacto autorizava consequentemente a que às sátiras à Alemanha nazi (das quais a mais célebre seria **O Ditador** de Chaplin no ano seguinte) se juntassem as dirigidas à União Soviética. O famoso *gag* da troca, na estação, entre o camarada russo e o dirigente hitleriano é uma *charge* directa ao espírito desse Pacto e à luz dele se compreende.

Mas, de tanto se falar na sátira à URSS, têm-se esquecido que Lubitsch – mestre das aparências e ambiguidades – não apontou só para esse lado. Três anos depois, seria dele um dos filmes que mais ridicularizaria o nazismo (**To Be Or Not to Be**) e, mesmo em **Ninotchka**, a aristocracia (francesa ou russa) não é melhor tratada do que os camaradas soviéticos. A Grã-Duquesa Swana não é objecto de mais meigo tratamento (para já não falar do Conde-criado) e o próprio Melvyn Douglas é implacavelmente caracterizado (as relações com o criado e, sobretudo, o jantar no restaurante dos operários com a sua suposta familiaridade). Mais uma vez, Lubitsch ri de tudo e à custa de todos e não será **Ninotchka** que provará parcialidade. Nesse capítulo, a invenção mais genial é a escolha de Constantinopla (com tudo o que de pouco europeu e muito pouco democrático, à época, cidade e país evocavam) para o encontro final dos comunistas russos e do conde francês. Pode dizer-se que Lubitsch inventou *avant la lettre* o “terceiro mundo”, do qual, aliás, se ri tanto como dos outros dois.

Noto agora, alguns dos mais saborosos achados de Lubitsch nesta comédia:

a) Mais uma vez, as honras são para o seu sentido de elipse, tanto visual como sonoro. A sequência em que os três camaradas instalados na suite real, fazem as suas encomendas, com a banda sonora a funcionar em *off* sobre as portas que se abrem e fecham, é um exemplo antológico, como o são o já citado *gag* da saudação hitleriana, a troca de chapéus, a cena em que Garbo propõe a Douglas mostrar-lhe os ferimentos, a estátua da república com a coroa no quarto de Douglas, a cena da casa de banho do restaurante de luxo ou as sucessivas entradas e saídas do comissário Razinin (desempenhado pelo popularíssimo especialista de filmes de terror, Bela Lugosi, o que já de si é um achado). Como achados são as utilizações dos retratos de Lenine e Estaline ou a sequência dos beijos, com o famoso “*Again*” da Garbo.

b) Os portentosos diálogos, funcionando para todos os lados. Tanto para justificarem a instalação no hotel dos russos, como para as maquinações de Douglas e da Grã-Duquesa (“*comprarmos o nosso futuro com o teu passado*”).

c) A construção da narrativa com o *clou* na famigerada sequência das gargalhadas de Garbo (repare-se na utilização anterior da anedota dos escoceses) ou na da sua não menos célebre bebedeira. Talvez Greta Garbo nunca tenha sido tão admirável como quando bebe champagne pela primeira vez (“*It’s good*”) ou quando, depois, de olhos fechados, ouve o barulho da rolha da garrafa.

d) Finalmente, o último *gag*, talvez hoje o que mais faz pensar. Apesar da conversão ao capitalismo, os três ex-comissários continuam em purgas. Kopalski apagou-se no anúncio luminoso do restaurante e exhibe o cartaz onde se lê: “*Buljanoff and Iranoff unfair to Kopalski*” e ficamos sem saber se aprendeu à sua custa o que significa a livre concorrência ou se tudo mudou para tudo ficar na mesma.

JOÃO BÉNARD DA COSTA